O agronegócio é o seguinte

AGRONEGÓCIO EM AMBIENTE DE COPA DO MUNDO

MATÉRIA ESPECIAL apresenta a primeira versão do texto preparado por um grupo de técnicos com experiência na área acadêmica e governamental como proposta do agronegócio a ser apresentada aos presidenciáveis. O documento, sujeito a mudanças e sugestões, define linhas genéricas de ações, todas baseadas em cinco princípios: sustentabilidade, competitividade, orientação aos mercados, segurança jurídica e governança institucional. O resultado desse diálogo será apresentado no 13º Congresso da ABAG, em 4 de agosto próximo, com a informação de quais serão os compromissos que cada um dos candidatos assumirá em relação à proposta.

A Copa do Mundo de Futebol tem demonstrado grande poder para contagiar os torcedores, mas ainda desperta desconfianças e ressentimento nos brasileiros. A Copa é bem-vinda quando se considera a importância dos projetos de investimento realizados para a dinamização da atividade econômica. Nesse sentido, a participação do setor público foi interessante e necessária para viabilizar tais projetos.

Segundo projeção inicial do governo federal, que tomou como base o estudo sobre o impacto da Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo deverá movimentar R$ 30 bilhões; ou seja, o evento deverá cobrir todo o investimento realizado, de R$ 26 bilhões, segundo o Tribunal de Contas da União (TCU).

A potencialidade dos mercados associados ao futebol é capaz de mobilizar R$ 60 bilhões por ano e empregar até 2,1 milhões de pessoas, além dos benefícios adicionais relacionados ao turismo, como hotelaria, restaurantes e bares, e, principalmente, à infraestrutura. Em particular, os investimentos públicos são importantes por alavancar a taxa de investimento total, o que é oportuno, especialmente no atual contexto brasileiro de baixo crescimento econômico.

O evento mundial também acendeu a sirene de alerta para os produtores rurais brasileiros. Um levantamento encomendado pela Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) mostra que os trinta e um países classificados para a competição abrigam, juntos, mais de 350 pragas ainda inexistentes no Brasil. São insetos, ácaros, fungos e vírus que, se introduzidos em nossas lavouras, certamente trarão prejuízos aos agricultores locais e podem até impactar a produção nacional de alimentos.

Ao comemorar vinte anos neste mês de julho, o Plano Real merece uma análise especial. É importante não confundir inflação de alimentos com inflação da alimentação e ter claro que a dinâmica dos preços de cada categoria de produtos evoluiu de forma distinta. O primeiro grupo cresceu em ritmo bem menor quando comparado ao segundo. De modo geral, os preços dos alimentos aumentaram com muito mais força a partir da metade da década passada. Enquanto os preços dos bens industriais ajudaram a controlar a inflação, os preços dos serviços tiveram impacto inverso.

Outra comemoração importante neste mês é do cooperativismo. Levantamento da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) aponta que 50% de toda a produção agropecuária nacional passam de alguma maneira por cooperativas. É uma taxa expressiva.

No Brasil, a terra agrícola tem sido um tipo de investimento de médio e longo prazo que proporciona boa rentabilidade, ao menos desde a última década. Adicionalmente, é uma forma de diversificação de portfólio (e diminuição de risco), principalmente quando comparada ao retorno de investimentos mais conservadores e tradicionais. De 2002 para cá, em valores reais – considerando a inflação do período –, a média de preços das terras brasileiras teve um ganho acima de 126%. O maior destaque foram os estados da região Norte Amapá e Acre, que apresentaram valorizações acumuladas de 279% e 229%, respectivamente.

No campo, os preços do milho subiram e desceram a ladeira no primeiro semestre de 2014 no Brasil. Diante dessa grande volatilidade, o momento em que o produtor realizou sua venda determinou o lucro ou prejuízo. Quem vendeu o milho em janeiro deste ano contabilizou um prejuízo de R$ 52,49 por hectare. Aqueles que venderam em março lucraram R$ 459,91 por hectare. Isso mostra que é fundamental o acompanhamento do mercado, pois decisões erradas podem custar caro. É preciso lembrar que o produtor não é especulador. Para gerenciar o risco de preço, uma boa estratégia pode ser a utilização do mercado futuro ou a venda mensal da produção

Passados mais de cinquenta anos do início da Revolução Verde, a insegurança alimentar ainda se mostra presente em diversas regiões do Planeta. Apesar da grande contribuição para elevar a produtividade agrícola, o maior uso da tecnologia não foi suficiente para sanar completamente o problema da fome, especialmente na Ásia e na África. Dentre as razões para isso, pode-se apontar o acelerado crescimento populacional e o limitado acesso à tecnologia por parte de segmentos menos empresariais da agricultura. Além disso, observam-se criticas à forma como a Revolução Verde do século passado direcionou-se a alguns produtos em detrimento de outros: houve uma elevação expressiva da produtividade de alguns grãos, como milho e trigo, porém não foram trazidos os mesmos avanços a outros produtos fundamentais para a alimentação, como o arroz. ■